

SUMÁRIO

Prefácio compartilhado	13
------------------------------	----

Parte I

ATUALIZAÇÕES NECESSÁRIAS

Introdução I	31
1. Cerimônia de casamento: psicodrama, possibilidades e perspectivas para o futuro	33
2. Que teoria, de que psicodrama?	39
3. Equívocos da teoria e seus excessos	57
4. Tele	68
5. Provérbios de Salomão: o processo psicodramático	75
6. Transferência e personagem	96
7. Conjunto transferencial: desmontando o poder simbólico (ensaio sobre ensaio)	102
8. A realidade suplementar: redirecionando a transferência	106
9. Itabira e a coprotagonização	123
10. Sobre iniciadores	131
11. A cartola do mágico: a técnica se cria e se recria, não se avia e nem se copia	143
12. A etapa de aquecimento inespecífico	164
13. A direção de grandes grupos: atos psicodramáticos	186

14. Mr. Multilock: quando o paciente trava	232
15. A supervisão psicodramática	252
16. O começo do fim	274

Parte II

MISCELÂNEA: PRATO FEITO (notas, reportagens, reflexões)

Introdução II	299
17. Breve história do psicodrama no Brasil: um ponto de vista	301
18. O primeiro congresso a gente nunca esquece	305
19. História do Congresso Ibero-americano de Psicodrama	307
20. A organização de congressos de psicodrama	319
21. P de política e de proximidade	357
22. Sobre o viver	362
23. Pequenos assassinatos	364
24. A ética no ensino de psicodrama (roteiro redondo de uma mesa quadrada)	372
25. De raspão: tele e sexualidade (rabiscos de beira-página)	374
26. Prova de alfaiate: a vida resgatada por meio do luto	376
27. O <i>power point</i> do psicodramatista	381
28. Inconclusões	387
Bibliografia	395

PREFÁCIO COMPARTILHADO

Albor Vives Reñones
Aníbal Mezher
Camila Salles Gonçalves
Devanir Merenguê
Marília Josefina Marino
Sylvia Ferraz da Cruz Cardim

I

Fazer um prefácio. Fazer um prefácio que tente contemplar a amplitude de artigos vários, de um escopo amplo e, principalmente, de uma enorme organização de saberes sobre, de e com o psicodrama. Escrever um prefácio para um amigo que desde meus primórdios pôde ler cuidadosamente o que eu escrevia, e com quem sempre tive a alegria de trocar figurinhas sabendo-me respeitado. Tarefa sempre no limite do “creio que não sairá bom” – mas nem por isso a deixamos de lado. Não se recusa um convite de um amigo, não se recusa um convite para dizer algo sobre um conjunto de textos como este, mesmo sabendo da impossibilidade de dizer tudo.

Pronto, já estamos no primeiro tópico do prefácio: leitor, este é um livro grande e ao mesmo tempo um grande livro. Grande pelo volume de informações, grande pela amplitude de temas que se desenvolveram, grande pela importância de ver alguém como o Sergio debruçar-se sobre tantos assuntos, organizando-os, compilando o que se escreveu sobre eles e fazendo sua costura cuidadosa e sempre muito generosa sobre a produção.

Forro e avesso. É um título certo. Ao longo de uma prolífica carreira, o Perazzo sempre foi o grande mapeador do que se fazia no Brasil em termos de produção escrita. Leitor cuidadoso, apontava os au-

tores e contribuições sobre os temas que focava, permitindo que o leitor interessado em se aprofundar soubesse *quem, onde e o que* havia escrito sobre conceitos que muitas vezes traziam confusão e múltiplas interpretações.

Mas não era apenas como compilador que o Sergio atuava. Ele também foi um dos que criaram e desenvolveram a teoria psicodramática, por isso forro é um nome muito apropriado. Há estofó aqui, há recheio, há a costura feita de dentro, há o acabamento, por isso forro.

Mas não é só forro, acolhimento e gostosura. É também avesso. Avesso a quê? Avesso de quê?

Começo pelo último capítulo da parte 1. Misto de desabafo, chute no balde e tristeza acumulada, ali está um Sergio menos otimista, menos compassivo e mais cansado – diria de saco cheio, esperando não criar confusão com a expressão chula. Depois de anos acompanhando a produção psicodramática, o Sergio chega a um ponto em que pergunta: “Ô gente, vamos parar de nhem-nhem-nhem e *fazer* psicodrama?” O título – O começo do fim – é de certo catastrofismo, mas aponta para a direção precisa de onde está o movimento psicodramático hoje: rumo ao fim.

Porque perdemos a criatividade, o frescor e o risco, e repetimos mantras morenianos, mantras a Moreno e mantras de outras linhagens, mas não criamos mais. E isso porque somos psicodramatistas...

Claro que a reação foi furiosa. Defensores da verdade psicodramática se erigiram rapidamente, defendendo o psicodrama, acusando o Sergio de uma visão muito parcial etc. etc. etc., bradando que ninguém ouse criticar nem Moreno, nem o psicodrama e nem os psicodramatistas, que se for um profissional de outra formação é um desinformado, desqualifiquem-no, e se for alguém “de dentro” desqualifica-se por ter afirmado que o rei está nu. Esse é o começo do fim, infelizmente.

E é ótimo que ele tenha sido incluído após trabalhos cobrindo temas tão importantes quanto tele, transferência, realidade suplementar ou aquecimento, mostrando que não há como desviar o olhar da bunda do rei, ela está ali.

Mas não estou de acordo com tudo que o Perazzo escreveu. Os teatros de Impromptu – que incluem o teatro espontâneo, o de reprise, o playback e o teatro de criação – surgiram em um momento em que o psicodrama pôde recuperar sua origem teatral, mas são mais que isso. Surgiram para dar um alento ao peso quadrado que o psicodrama já carregava ao tentar tornar-se sério e sisudo, científico e comprovável. Nada contra isso, sou dos que defendem a clareza conceitual e a coerência de ação vinculada à teoria. Mas o psicodrama já ali, na década de 1990, estava dando mostras de repetição e esterilidade. Os teatros de Impromptu vieram para trazer novas luzes, ares, movimento e criação para o corpo enrijecido.

Foram relegados ou ao entretenimento bonitinho, gostosinho e queridinho, ou à margem como experimento muito forte e indigesto, agressivo e politicamente incorreto. Não se aproveitou (ou pelo menos não se assumiu) o que esses movimentos traziam como contribuição: era na criação de formas que o psicodrama necessitava aprofundar-se, na criação de modos de operação, na criação artística e de meios plásticos para fazer os psicodramas, na criação de narrativas que ampliassem o que já se sabia desde o patamar verbal.

Como sou e fui um dos que conceberam o teatro de criação, sinto-me confortável para discutir isso aqui sem causar melindres, mas contribuindo exatamente para o que o Sergio faz muito bem: a diversidade de opiniões, coisa por sinal que pouco se vê na seara teórica, com cada um defendendo seu bastião.

Mas não é só compilar e organizar, criar entendimentos e apontar contribuições. O Perazzo, como já havia demonstrado no Croemas, é um contador de histórias. Ele nos faz “ouvintes” que acompanhamos atentos aos causos e desdobramentos das suas narrativas, que vêm ilustrar, trazer outros dados, complementar as organizações teóricas feitas.

Há mais. A segunda parte é feita de algo muito raro, poderíamos chamar de embriões de vários próximos artigos e capítulos, verdadeiros *work in progress*, nos quais temos a oportunidade de ver o autor

esboçando suas primeiras impressões sobre temas e aspectos que possivelmente serão desenvolvidos depois, são pequenos aperitivos.

Assim é o Perazzo, essa variedade de textos e assuntos, generoso com quem lê, organizado e organizador, paciente no garimpo de textos e contribuições. O leitor pode agora juntar-se aos que tiveram o prazer de ler suas contribuições!

Albor Vives Reñones

II

PSICODRAMA: O FORRO E O AVESSO. HISTÓRIAS DA CLÍNICA

Para Nietzsche, “o autor tem direito ao prefácio, mas ao leitor pertence o posfácio”. O livro já começa original, com prefácio composto por seis posfácios elaborados por privilegiados leitores...

Formalmente, as histórias publicadas se assemelham a crônicas, contos e ensaios da nossa tradição cultural. São transformações literárias de acontecimentos da prática clínica do autor, inspiradas em vivências de sessões de “psicoterapia”, quando se constituem relações tão delicadas.

Nelas o “paciente” vivencia seus dramas pela fala (transformações discursivas) ou por dramatizações (transformações cênicas).

O “psicoterapeuta psicodramatista” torna-se um participante especial da vida dessas pessoas, confidente que acolhe seus segredos mais íntimos e perturbadores – e que, como diz o fado, nem às paredes elas confessam...

Escrever sobre esses acontecimentos demanda engenho e arte. Se o estilo é o homem, Sergio revela neste livro sua preferência por prosa poética, em que são vazadas suas histórias. Com isso, quantos sentimentos, associações e reflexões são induzidos.

Noutra perspectiva, há uma inversão de papéis em que os leitores tornam-se confidentes do escritor. Ele se torna protagonista do livro,

narrador-pensador de tantas outras histórias com múltiplos personagens, fugazmente protagonista dos seus dramas sobre temas essenciais à existência humana.

Eis um grande desafio para o autor, que sobreviverá no registro, na memória e em ressonâncias de sua obra segundo seu talento literário. Exemplo bem-sucedido foi o de Freud, que ganhou em 1930 o prêmio Goethe de língua e literatura alemãs, com estilo elogiado inclusive por Thomas Mann e Einstein.

Confesso o prazer e o enriquecimento advindos da fruição desses textos.

Meu voto e esperança é que essa forma de pensar o psicodrama pegue e frutifique...

Aníbal Mezher

III

Nunca é demais lembrar que uma psicoterapia é bem mais que o conjunto de técnicas que propiciam ao paciente oportunidades de transformação na direção de seu projeto existencial. As técnicas são indissociáveis de fundamentos teóricos, que são, por sua vez, baseados em práticas inaugurais. Um terapeuta psicodramatista suficientemente bom não precisa tornar-se um investigador teórico, um pensador, para ser um profissional confiável. Mas precisa conhecer a teoria presuposta por sua prática, a relação entre uma e outra. E tudo me leva a crer que conhecer as reflexões daqueles que se dedicam a pesquisar o campo dessa relação faz parte de sua formação interminável.

Psicoterapeutas psicodramatistas, precisamos de pensadores do psicodrama. Sergio Perazzo é um pensador do psicodrama. Contribui para que tenhamos estofo e conheçamos os riscos de nosso ofício. É o que sua autoapresentação poética, no início do livro, já me faz reconhecer, mais uma vez. Nela, a leveza da escrita introduz o leitor em

árduas caminhadas, na apreensão de percepções que não evitam momentos penosos. Ao contribuir para que alcancemos novas perspectivas, o autor retoma questões sobre a especificidade do psicodrama e de suas teorias, e sobre o modo processual dessa psicoterapia.

Sem rejeitar a ousadia moreniana no temário da transferência e sem aderir a Freud simplesmente, o autor apresenta-nos perspectivas para renovarmos o olhar sobre o humano fenômeno transferencial. Algumas delas, a partir do modo pelo qual o associa com as noções de realidade suplementar e de personagem. Faz que estas sejam postas a operar na releitura crítica de velhos conceitos. Assim, novas luzes vêm despi-los de nossos ‘pré-conceitos’ acalentados pela repetição enganosa que os congela e transforma em pós(tumos)-conceitos.

Vale a pena estudar neste texto, por exemplo, a releitura crítica da situação psicodramática central e dos sentidos da protagonização e dos emergentes grupais. Também com generosidade, Sergio Perazzo percorre e nos faz assistir a impasses vividos pelo diretor do psicodrama, tais como aquele produzido por “fantasias coinconscientes grupais”, situado em evento histórico. Vale salientar que se refere a algo que se dá no âmbito da supervisão, atividade indispensável na construção da possibilidade de um sujeito tornar-se psicodramatista.

O escrito tem sua face de depoimento, permite-nos adentrar o universo da longa e profunda experiência do autor. Toma forma ensinando e criando visões da prática, desenvolvendo a teoria da técnica. Revisita as funções do diretor psicodramático e as técnicas fundamentais, fazendo-nos admitir “duplo que te quero duplo”. Temas difíceis de abordar – para alguns ou para muitos –, tais como a irritação com o grupo por parte do diretor e os equívocos de direção, não são evitados. Também não se exime de reproduzir suas posições na querela atual e vital a respeito da formação em psicodrama dentro da universidade, seu início auspicioso e problemas que atualmente se refletem na formação dos alunos.

Sergio Perazzo dialoga com inúmeros colegas, às vezes abrindo-nos diálogos quase íntimos, às vezes resenhando enunciados de li-

vros dos que são autores, dialogando também com estes. Aliás, faz o campo do psicodrama interagir com autores de outros – por exemplo, da arte literária, da música. Estende suas conversas até composições de Noel Rosa e Orestes Barbosa.

Estamos, além de tudo, diante da história da vida profissional do autor, que, a meu ver, é inseparável da história do psicodrama brasileiro e de todo psicodrama ibero-americano, dado seu investimento na realização de encontros e congressos que nos levaram a trocas estimulantes e celebrativas. Ele compartilha e nos diz que “o compartilhamento devolve ao protagonista a consciência de que seu Drama privado é apenas parte do Drama coletivo do grupo ao qual ele também pertence, o diretor incluído – diretor esse sempre inacabado em seu processo contínuo de construção e reconstrução”. Leitora-protagonista, encontro reconhecimento. Sergio Perazzo finaliza seu livro com “Inconclusões”. Vejo aí sua postura de pensador não dogmático, condizente com seus percursos de indagação ética. Está entre os autores que resgatam a eficácia do método psicodramático, sua legitimidade como psicoterapia e, sobretudo, sua dignidade. Mostra sua diferença essencial em relação a simulacros resultantes dos excessos de banalização e academicização, se me permitem o neologismo infeliz, que em breve será dispensável.

Camila Salles Gonçalves

IV

A pergunta feita por J. L. Moreno em 1933, entre as duas grandes guerras mundiais, *Quem sobreviverá?*, ainda faz eco no final da primeira década do século XXI. Mas inevitavelmente outras questões, impostas pelo mundo complexo em que vivemos, podem ser feitas: *Como sobreviveremos?*, ou, ainda, *Sobreviver a quê? O que ou quem nos impedirá de sobreviver? Por que sobreviver e não simplesmente viver?*

Sim, sociedades em crise, indivíduos marcados pela instabilidade, todavia de diferentes dimensões das que começamos a enfrentar após o fim da Segunda Guerra Mundial com implicações evidentes para as relações pessoais e grupais. A partir das décadas de 1960 e 1970, uma revolução nas relações amorosas e familiares, com acirradas discussões tendo como foco a mulher, a sexualidade, raça e cor, desvelou a complexidade dos vínculos já não mais centrados apenas na luta de classes. O advento da Aids, questões ligadas ao meio ambiente, as sexualidades cada vez mais disparatadas, as drogas utilizadas em larga escala, mais velocidade pensada como um valor positivo, as migrações, o fim das chamadas grandes utopias, a internet perpassando as relações humanas e produzindo novas “realidades”, a imagem e a sociedade do espetáculo conduzindo vidas, o consumo como referência... enfim, muitas transformações recolocam a pergunta de Moreno sobre o que seria a sobrevivência contemporânea, muito possivelmente diversa da referida em 1933.

O psicodrama atravessa décadas acompanhando seres humanos em suas convulsões, oferecendo teoria e técnica. Nessa travessia, recebe ou não o reconhecimento dos poderes vigentes que abençoam ou amaldiçoam ações, práticas, parcerias, novidades. Tantas vezes julgado como simples técnica adaptativa, noutras como teoria incipiente, plástica o suficiente para ser qualquer coisa. Mas também disruptiva e transformadora, crítica por focar a criação e a espontaneidade, moderna por se presentificar em qualquer hora e local, corrosiva por não se dobrar ao bem-comportado academicismo.

Sergio Perazzo, observador atento, mais uma vez no intenso *Psicodrama: o forro e o avesso* focará indivíduos e grupos com a costumeira competência. Se o mundo mudou desde então, os seres humanos mudaram bem menos. Perazzo fala da *sensibilidade humana*, das questões do amor, da vida, dos conflitos e das construções em uma multiplicidade de temas que se enroscam e se desdobram. Por isso nosso querido autor é um dos mais renomados teóricos do psicodrama brasileiro, sendo traduzido e respeitado em outros países.

O leitor poderá (re)descobrir o teórico, o historiador, o memorialista, o psicodramatista, o poeta, o contador de histórias. Será difícil não se confrontar com o polemista, muito generoso tantas vezes, irritado outras, mas logo depois muito paciente, bem-humorado, crítico, carinhoso com seus pares, mas batendo sem piedade em outros momentos. Enfim, com um ser humano aberto em sua sensibilidade para com todos os afetos. O jovem estudante terá um sem-número de dicas, segredos e macetes do fazer psicodramático. O teórico poderá se surpreender com olhares diversos daquele óbvio dos manuais – e com certa frequência é possível que discorde do autor. Memórias lastreadas em experiências de décadas no consultório, em dezenas de congressos brasileiros e internacionais como participante ou organizador, em instituições de psicodrama. E uma inquietude de garoto inconformado com conservas culturais que o cerceiam e que sufocam a humanidade próxima. O leitor vai deparar com um Sergio-Dioniso pelo extra/vazamento poético, por certa desorganização antiacadêmica de seu texto, mas também com um Sergio-Apolo (1, 1.1. 1.1.3....) beirando o acadêmico (!!), tal o grau de organização de suas afirmativas.

Assim, com a honra de prefaciá-lo tão interessante autor junto de outros tão interessantes personagens do universo psicodramático, é quase uma desfeita não produzir alguma polêmica, sinal de saúde e vitalidade. Afinal, no meu entender, a *sobrevivência* está associada à capacidade de enfrentar desafios e, dessa forma, se fortalecer. Tenho proposto, faz alguns anos, a ideia de um *psicodrama nômade* que passeie pelas teorias sem se desfazer de sua identidade nem de seus pressupostos.

Perazzo reclama de uma teoria da imaginação a ser construída. Por que, penso eu, o psicodrama, caso nômade, não pode se aproximar de Sartre, de Bachelard, de Durand, de modo mais consistente? Dirão alguns que são filósofos/pensadores que não “combinam” exatamente com o projeto sacionômico, por mais que se tente. Talvez.

Não conheço também nenhuma pesquisa que, de algum modo, “passeie” próximo de Cornelius Castoriadis, que pensa a sociedade como produto de uma instituição imaginária. Todas essas investigações

demandariam tempo, muito tempo, que apenas uma pesquisa acadêmica poderia produzir. A polêmica aqui retoma a dicotomia entre o trabalho psicossociodramático construído juntamente com a teoria e a pesquisa acadêmica, que no meu entendimento amplia a sobrevivência do psicodrama. Para citar apenas dois exemplos, temos as teses de mestrado, posteriormente publicadas, de Alfredo Naffah Neto (*Psicodrama: descolonizando o imaginário*, Plexus, 1997) e de Wilson Castello de Almeida (*Psicoterapia aberta*, Ágora, 2006). Ambas são obras seminais para o psicodrama brasileiro. Teríamos de produzir uma teoria da imaginação para além dessas já descritas? Se sim, penso que precisamos produzir grupos com essa função urgentemente ou estimular mais psicodramatistas a realizar pesquisa acadêmica – que, por ter caráter psicodramático, já é uma outra coisa.

Muitos conceitos no psicodrama não conseguem ganhar mobilidade quando descritos. O mais óbvio exemplo é o conceito de papel. Se ele tem razão de ser nas relações, quando descrito isoladamente ganha uma “essência” que desfigura todo o projeto moreniano. Bem, dirão alguns, *Moreno já fazia a mesma coisa*. E é verdade. Seríamos nós, psicodramatistas contemporâneos, quem deveríamos romper com esse limite?

O conceito de papel de fantasia, por exemplo, parece não estar impregnado por nenhum vínculo ou experiência do ator. (Aliás, vínculo e relação no psicodrama é uma mesma coisa?) Mesmo o papel imaginário, descrito no final da década de 1970 por Naffah, tem sempre um caráter individualizante como se não estivesse mergulhado em uma cultura que despreza e aceita possibilidades para indivíduos e grupos, controlando sempre. Ou seja, a ideia de transferência não consegue se descolar de uma prática individualizada quando os aprisionamentos são coletivos. As culturas não estimulariam determinadas atitudes e reprovavam outras, produzindo brechas coletivas entre realidade e imaginação? Evidentemente que sim. Não seríamos ainda mais revolucionários na teoria – e conseqüentemente na prática – se conseguíssemos descrever conceitos que denotariam plasticidade e mobilidade, trânsito entre o indivíduo e a sociedade?

Perazzo estimula essas polêmicas, e agradeço seu persistente trabalho nesses anos todos. Precisamos, no entanto, de mais teóricos que dramatizem, que escrevam, que façam pós-graduação e se voltem para outras práticas modificadas que... Tudo isso construirá um psicodrama vivo no século XXI, que mescle entusiasmo e estudo.

Gosto da ideia de sobrevivência no sentido de continuidade no tempo e no espaço, de persistência por mais vida. Penso sinceramente que o psicodrama necessita de embates sem medo. Nesse sentido, Sergio Perazzo é um grande sobrevivente, pois se cria e se recria sempre. Como um trapezista que pula, nem sempre com rede...

Devanir Merengué

V

Agradecida pela oportunidade de ser uma das parceiras psicodramatistas a apresentar o novo livro do amigo Sergio, compartilho a experiência com a palavra, rica de “saber e sabor” que a obra desperta.

No título provocador, o autor já nos alerta, por meio das belas metáforas que fertilizam seu pensar, que o que nos agasalha com um mundo de sentidos tem um estofo a ser perscrutado... Campo de suporte ao visível, traz o aconchego de uma territorialização (o psicodrama como visão de ser humano e de mundo – o forro) e também os “nós”, os que incomodam, o desenho rústico que convida a retomar – refazer as costuras desse território que não pode se furtar ao alerta de que também sua tessitura é atravessada por linhas de força da contemporaneidade, correndo riscos de se fazer conserva, descaracterizar-se – o avesso.

Traz o psicodrama para o palco do pensar, abre assim um lugar em que podemos exercer o papel de metapsicodramatistas, voltando nosso olhar para a construção comum: o que é mesmo o psicodrama? Quem somos nós? Que psicodramatistas queremos formar? Como

tem se dado nossa prática na clínica, na escola, nas organizações? O que tem acontecido em nossos congressos? De que fala nossa história? Histórias...

Quebrando os contornos dos habituais modos de construção de conhecimento sacramentados pela civilização ocidental, “filosofia, ciência ou arte”, em seu estilo transbordante e apaixonado, nem por isso menos perspicaz, a obra faz um convite à reflexão em que nos reconhecemos nos “duplos” do autor, expressando o que ainda não foi formulado em palavras, em “espelhos” nos quais podemos nos reconhecer ou podemos oferecer uma contraimagem, já preparando “inversões de papel”, posicionando-nos em outros lugares...

Não há lugar para a indiferença, nos desafios postos, ao nos voltarmos para o psicodrama como *movimento* que agrega tantos de nós. Nele vivemos as tensões entre o instituído e o instituinte, o que requer tempo de amadurecimento para lidar com o plano político-institucional, num olhar para o seu interior – mas comprometido com o resgate do lugar do “humano”, numa sociedade que pede por transformação, num olhar para quem estamos a serviço. Como *teoria* a ser revisitada, considerando o esforço de produção contemporânea, num voltar-se para os fenômenos que originam a rede conceitual moreniana feita de grandes ideias – força. Como *metodologia e técnica*, caminhos de intervenção no real, vivido em coconstrução, que corre o risco de se desfigurar diante de reducionismos aligeirados tão ao gosto do “mercado”.

De protagonista-autor, Sergio se faz ego-auxiliar do leitor iniciante ou já caminhante no psicodrama, remetendo-o para que ocupe seu próprio palco reflexivo, busque sua própria voz.

Aí encontramos o *Sergio educador*. Seus alertas contra o acadêmismo não se configuram um abrir mão dos espaços conquistados na Universidade, como à primeira vista o polêmico Capítulo 16, O começo do fim, pareceu aos que o receberam para comentar... Novas perspectivas se abriram no momento em que nossos cursos de formação, antes recolhidos à “sombra do alternativo,” passaram a fazer parcerias com instituições de ensino superior. Na fértil produção que acontece,

podemos dizer a que viemos e recriar o que engessa – mesmo que os que se dispõem à luta precisemos desenvolver táticas de guerrilha e, ocupando espaços de poder (ser), subverter as quantitativas metas da Capes e justificar diante da ABNT as mudanças que faz sentido realizar.

Abre-se assim a possibilidade de quebrar a palavra burocratizada, a palavra morta, modos de ser cristalizados – antítese do apelo que faz Moreno e sua obra: resgatar a espontaneidade-criatividade.

Fica o convite para a realização de um teatro espontâneo imaginário:

Viajamos no tempo e estamos nas proximidades de Atenas... 387 a.C.

Avistamos os jardins de Academus, assim denominado em homenagem ao herói grego que se destacou na guerra de Troia (século XII a.C.). Os campos são sagrados, estão sob a proteção da deusa da sabedoria Palas Athena... dizem que por ali ainda passam as musas... o óleo produzido pelas oliveiras, recolhido em ânforas, untou e protegeu os corpos dos guerreiros e dos participantes dos jogos olímpicos.

Uma construção se destaca: chamada AKADEMEIA, reúne mestres e discípulos. Infundáveis diálogos ali acontecem dentre os que se dizem *filon-shophos*, amigos da sabedoria e que se dedicam a várias áreas do saber... Platão, discípulo de Sócrates, a fundou... Aristóteles a frequenta ainda.

Não muito longe, na encosta do morro, avista-se também uma construção diferente que desce encosta abaixo e termina num platô – ali está um palco. THEATRON (lugar onde se vê), costumam chamá-lo. Dedicado ao deus Dioniso, hoje está vazio e convida a que sejam trazidos dramas para ser encenados...

Que personagens cada um assumiria? O desafio é trazer a Academia para o palco... recriá-la, convida o psicodramatista.

Apolo e Dioniso, lá do Olimpo, sorriem... A vida é celebrada!

VI

Psicodrama: o forro e o avesso é um testemunho vivo da história do movimento psicodramático e do percurso particular de um autor que abre e compartilha conosco a intimidade de suas reflexões, de suas histórias, o diálogo com seus pares, os embates, as inspirações, os encantos e desencantos.

Este livro de nosso veterano Sergio Perazzo é um acontecimento. Dimensão que abre para nós leitores um lastro duradouro de trabalho e reflexões. Seu estilo combativo, mordaz e apaixonado confirma sua voz. Da epígrafe às inconclusões, acompanhamos o esforço laborioso e necessário que nos possibilita a apropriação criativa de um discurso proferido em dado domínio do saber instituído e a consciência do aspecto político inerente às nossas escolhas e ações, e nos convida a rever nossa posição de sujeito, nossas alianças, o lugar em que nos situamos e do qual depreendemos nossa fisionomia e voz.

Dois movimentos se entrelaçam: o psicodrama como afirmação de uma atitude coerente com seus pressupostos por um lado e por outro uma reflexão sobre sua inexorável institucionalização. Aqui, o lugar não se traduz pelo número afixado à soleira de um endereço inequívoco, tipo páginas amarelas, nem deve nos encerrar em uma circunferência imóvel que apenas delimitaria a mera extensão de um território e sua defesa como propriedade. É convite ao diálogo com toda uma tradição que nos precede e constitui, e a resposta ainda e sempre inconclusa, mas contundente, dada pelo autor a essa mesma tradição na qual se insere.

“Atualizações necessárias”, a primeira parte do livro, redesenha os traços e as pegadas de sua trajetória e elaboração conceitual, a revalorização e articulação do arcabouço teórico prático do psicodrama, os livros visitados, as peças-chave colhidas cá e lá na elucidação dos mistérios para a sistematização de um pensar que teriam suas núpcias mais fecundas nestes instantes de inflexão em que a prática cria teoria e, de modo inverso, a teoria redimensiona nossa agilidade na intervenção,

orientando o fazer psicodramático. Perazzo nos alerta para o risco fácil da mera reprodutibilidade da técnica como caminho aparentemente seguro, conhecido passo a passo, que nada cria de novo, amputa a criação, forja cópias disciplinadas e inseguras perante o instrumento psicodramático por excelência, a ação dramática, sua força expressiva, manejo e processamento.

“Miscelânea: prato feito (notas, reportagens, reflexões)”, a segunda parte do livro, descentra focos que circunscrevem regiões que se compõem e se decompõem para dar visibilidade ao percurso do autor e matéria de expressão para suas ideias, reflexões, sentimentos e compreensão de mundo. Misto de dicas diversas em campos variados de atuação do psicodramatista inserido em sua comunidade e de momentos de distensão para o exercício de seu sotaque carioca em suas bem-humoradas crônicas de forte inspiração rodrigueana. Alfaiate da linguagem! Afeito aos cortes bem montados, Sergio provoca e analisa como algumas tendências são meras atualizações de modas ultrapassadas travestidas pela roupagem *fashion* dos aparatos tecnológicos contemporâneos. Reedição de nossos prejuízos?

A costura. O fio invisível que alinhava forro e avesso, estofo e crítica, nos apresenta a vida como ela é, nossas histórias, este contar e recontar de nós mesmos, aquilo que acredito nos constitui como singularidades e dá ao psicodramatista a base para ser um produtor de histórias alheias... Uma rua como aquela, nossos livros amados e talentos cultivados, aquele cheiro de infância perene, o conjunto de tipos e personagens que nos habitam ou pedem passagem, nossa verdade psicodramática e poética como Sergio nos lembra tantas vezes neste livro. Região da experiência a que temos acesso por intermédio do desenvolvimento de um órgão onírico, para além da anatomia, esta que apodrecerá, às vezes em caixões antecipados em vida, e recoloca sonho, devaneio, fantasia e imaginação de mãos dadas com a criação, inserindo-a, enfim, no domínio das doutrinas psicológicas que se propõem a pensar o humano e suas potencialidades.

Talvez aqui se situe nosso enlace sociométrico, nossa mutualidade positiva, que justifica para mim tão ilustre convite para participar deste prefácio compartilhado. Sim. O apreço pela criação e a realidade do palco psicodramático como espaço vivo de seu exercício devem levar em conta o papel central da imaginação e sua articulação com os demais elementos do corpo teórico do psicodrama. Afinal, se uma teoria da imaginação e da fantasia se faz incipiente no psicodrama, como defende explicitamente o autor, o recado já nos fora dado há quase um século por Moreno ao pai da psicanálise, mestre incontestado em sua época, em um diálogo vivo e ainda atual: “Eu começo onde o senhor deixa as coisas. O senhor vê as pessoas no ambiente artificial do seu gabinete, eu as vejo na rua e nas casas delas, em seu ambiente natural. O senhor analisa os sonhos das pessoas. Eu procuro dar-lhes coragem para que sonhem de novo. Ensino às pessoas como brincar de Deus”.

Sergio Perazzo nos oferece tantas outras entradas. A vasta extensão das questões apresentadas neste livro revela profundidades que redesenham à sua maneira a geografia psicodramática e nos convidam a habitar regiões diversas. Vida e morte. Maré incessante que avança e se retrai diante dos imperiosos rochedos esculpindo saídas. Como éramos seis os convidados para este “prefacilhado” ..., procuro tão somente iluminar retalhos deste casaco longamente tecido em mais de 30 anos de vasta experiência do autor. Casaco camarim, onde nos colecionamos, onde toda uma vida se concentra em um bolso invisível pousado como um coração, em uma linha que trabalha pacientemente o caseado de um botão. Louco desvario que anseia a invenção de novos mundos. A roupagem do psicodramatista e o lugar de nossas aventuras e proezas imaginárias, exercícios de futuro que sutilizam as pesadas estabilidades do real e do instituído.

Ao futuro brindamos estas aberturas inconclusas e a contribuição do livro *Psicodrama: o forro e o avesso* com que Sergio Perazzo nos presenteia.

Sylvia Ferraz da Cruz Cardim

PARTE I **ATUALIZAÇÕES
NECESSÁRIAS**

INTRODUÇÃO I

Como no fado, nem às paredes confesso. Que uma parte, não mais que pedaços de mim. Sem o saber, textos esparsos, semeados por aí em congressos ou não congressos, publicados ou não. Ordenados apenas pela lógica de meu processo de maturação lenta como psicodramatista. A carne cozinhando preguiçosa bem longe da brasa. Para também assar por dentro sem chamuscar.

Tudo posto em ordem, o sentido das coisas se faz coerente e, enfim, domado. Foi achar o encaixe do mosaico. Meu casamento com o psicodrama, minha visão do como a teoria se articula (até aqui só publicado em espanhol pelo Teo Herranz). São exemplos.

Descobri que o processo psicodramático só se entende com a localização da transferência e com a roupagem nova da realidade suplementar e do conceito de personagem. Modos de ver e de integrar prática com teoria: o conjunto transferencial, a revalorização da espontaneidade e da criatividade em suas implicações técnicas, no que deveriam ser mais evidentes. Coprotagonizações.

E, então, aquelas coisas todas que venho dizendo e demonstrando há tantos anos e que me perguntam: *Onde está escrito isso? Não está.* Agora está. Sobre a articulação entre iniciadores e sua consequência prática; o detalhamento da etapa de aquecimento inespecífico em que tudo começa, com conceitos renovados; a direção de grandes grupos e de atos psicodramáticos; a supervisão, a criação de novas formas de aplicar a técnica. Enfim, sobre ousadias psicodramáticas.